

**CONTEXTO E CORPORALIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INDÍGENA:
ALGUMAS REFLEXÕES**

Estevão Fernandes¹

RESUMO

O objetivo deste trabalho será levantar duas questões sobre o processo de Educação em povos indígenas, a partir de um diálogo mais estreito com a Etnologia Indígena (particularmente aquela referente aos índios da família Jê). A primeira se refere à importância do contexto a partir do qual a fala é construída, em relação ao conhecimento transmitido. Dessa forma, busca-se trazer diálogos com autores que trabalham sobre diferentes formas de discurso em áreas indígenas e de que maneira o contexto é peça essencial ao entendimento da mensagem, tanto (ou mais) do que o que é dito, *per se*. A segunda questão refere-se à construção do corpo e sua relação com os sentidos, entre alguns povos indígenas. Desta maneira, buscar-se-á demonstrar como trabalhar o discurso em certas etnias passa, necessariamente, pela compreensão que esses índios fazem do ouvir, do falar, do ver, dentre outros, em sua relação com determinados órgãos do corpo e com sua compreensão do que seja aprendido. A metodologia utilizada para tal reflexão, além da revisão da literatura sobre tais assuntos, baseia-se em pesquisa de campo realizada entre os Xavante (MT) ao longo dos últimos anos. Mais do que um exercício de sistematização teórica, o objetivo deste trabalho será o de lançar alguma luz sobre processos referentes a aspectos relacionados às epistemologias indígenas, frequentemente deixados em segundo plano por estudiosos que se dedicam a estudar educação nas aldeias.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Indígena; Índios Sul-Americanos; Etnologia; Antropologia da Educação.

Há pouco mais de uma década, Aracy Lopes da Silva (2000) chamava a atenção, em um texto que se tornaria referência obrigatória a todos aqueles que pretendem se debruçar sobre educação escolar indígena, a necessidade de uma interlocução mais estreita entre Antropologia e Educação, para além das dicotomias apriorísticas ao estilo “nativos” vs. “modernos”. Mais que isso, ela chamava a atenção à necessidade desse diálogo entre Educação e Antropologia fazer frente ao desenvolvimento teórico de ambas. Infelizmente, Aracy nos foi tirada precocemente, antes de ver o aumento exponencial nos estudos sobre educação escolar indígena. No entanto, sua preocupação é mais atual que nunca: cada vez mais vemos Antropólogos e Educadores dividindo Mesas Temáticas e Grupos de Trabalho em diversos eventos e tem sido evidente o aumento na produção acadêmica entre alunos dos cursos de Educação e de Ciências Sociais sobre a temática educacional entre povos indígenas. Entretanto, ainda são frequentes os antropólogos da educação indígena que não lêem artigos na área de Educação, bem recente produção etnológica do país: como educadores que não têm acesso a trabalhar com povos indígenas denota uma

CONTEXTO E CORPORALIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INDÍGENA: ALGUMAS REFLEXÕES

rotina árdua que envolve trabalho de campo, farta revisão bibliográfica, tempo para aprender a língua indígena e apreender a lógica de seu pensamento - coisas que, afinal de contas, são cada vez mais difíceis a quem quer que seja dar conta, quase sempre envolvidos que estamos em inúmeras atividades na academia.

Este breve ensaio pretende apontar caminhos nos quais o conhecimento Antropológico pode ser utilizado nas pesquisas pedagógicas em áreas indígenas, ainda inexplorados por boa parte dos pesquisadores que se dedicam ao assunto. Minha intenção, aqui, é a de colocar em pauta duas questões-chave para a compreensão do próprio conceito indígena de conhecimento, de modo a nos permitir entender um pouco mais certas questões que são facilmente encontradas nas aldeias, mas sobre as quais, frequentemente, pouco nos debruçamos. A primeira dessas questões diz respeito à importância do contexto a partir do qual o conhecimento indígena é passado, apreendido e entendido. A segunda diz respeito ao papel que a relação indígena com seu próprio corpo e com seus sentidos desempenha nesse processo de aprendizado e em sua relação com o mundo.

Começemos com um exemplo, retirado de minha própria experiência

etnográfica entre os índios Xavante, povo Jê que ocupa parte do leste do Estado do Mato Grosso. Há alguns anos, eu fazia parte de uma equipe que realizava capacitação dos conselheiros locais de saúde indígena, em uma aldeia da Terra Indígena Marechal Rondon. Todos os educadores de área indígena, certamente, já tiveram uma experiência dessas: colocar banquinhos em torno de uma mangueira, usar papelões com pincel atômico e achar que esses elementos (bancos, papel e pincel), por si sós, caracterizariam aquilo como “contexto pedagógico”. Algumas horas se passaram e logo começou a cair na aldeia uma chuva torrencial. Como a escola de alvenaria encontrava-se fechada, nossa alternativa foi correr para a construção de madeira no centro da aldeia: o pequeno templo evangélico mantido pelos índios. Aos que não sabem, os Xavante têm, de modo geral, muito medo da chuva. A razão disso é o fato de que determinados feiticeiros (chamados de “donos do raio”) possuem o poder de usar os raios das chuvas para dar cabo de seus desafetos. Assim, enquanto tentávamos dar prosseguimento a nossa capacitação, os Xavante estavam ocupados buscando espantar a chuva, fazendo uso de feitiçaria. A medida que falávamos, caíam mais raios, e os trovões ficavam mais altos, de modo que após alguns minutos estávamos

CONTEXTO E CORPORALIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INDÍGENA: ALGUMAS REFLEXÕES

gritando para sermos ouvidos. De repente, uma das lideranças veio até nós, repreendendo-nos, afirmando que a culpa daquela chuva cair era nossa, posto que estávamos usando o templo (um lugar sagrado) para atividades profanas (educação, conforme nosso ponto de vista) e isso havia irritado a Deus. Deveríamos sentar e nos calar, até que a chuva passasse, para evitar que uma desgraça maior adviesse sobre a aldeia. Mais do que uma daquelas pitorescas anedotas que contamos aos nossos alunos nas aulas de Antropologia, penso que essa história nos traga alguma luz sobre a importância do contexto ao se trabalhar com educação indígena.

Essa discussão não é nova, mas merece ser revisitada por nossos Antropólogos e Pedagogos da Educação indígena. Por exemplo, Tassinari (2000:60-61) nos traz um exemplo a partir de um artigo de Jean Jackson, sobre os Tukano da Colômbia, sobre o ensino escolar e as práticas xamânicas. Jackson narra a tentativa de realização de *workshops* que funcionassem como “escolas de xamãs”, projeto esse idealizado por um antropólogo na década de 1980, buscando “resgatar as tradições indígenas”. No artigo analisado por Tassinari, a autora (Jackson) analisa os porquês de tais iniciativas terem falhado. O primeiro ponto diz respeito à própria

natureza do conhecimento xamânico e de sua forma de transmissão – que dificilmente se encaixariam no modelo ocidental de transmissão de conhecimento. O segundo ponto ao qual chama a atenção Jackson é a diversidade interna dos Tukano, sendo que o conhecimento xamânico, naquela região do Vaupés colombiano não é, de forma alguma, homogêneo. Finalmente, os xamãs eram vistos como detentores do conhecimento legítimo, recebendo dinheiro do governo para transmitir algumas informações que, ao final, recusaram-se a transmitir naquele ambiente.

Em outras palavras, há contextos nos quais o conhecimento deve ser passado, já em outros, ele perde seu *status* e sua legitimidade. Nesse sentido, o contexto é peça fundamental no processo de transmissão do conhecimento, tão ou mais importante mesmo do que aquilo que se busca transmitir. Lanço mão, aqui, da análise utilizada por Mary Douglas em seu clássico *Pureza e Perigo*:

Se pudermos abstrair patologia e higiene de nossa noção de sujeira, estaremos diante da velha definição de sujeira como um tópico inoportuno. Esta é uma abordagem muito sugestiva. Implica duas condições: um conjunto de relações ordenadas e uma contravenção de uma ordem. Sujeira, então, nunca é um acontecimento único, isolado. Onde há sujeira há sistema. Sujeira é um subproduto de uma ordenação sistemática de coisas, na medida em que a ordem implique rejeitar elementos inapropriados. Esta idéia de sujeira levamos diretamente ao campo do simbolismo e

CONTEXTO E CORPORALIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INDÍGENA: ALGUMAS REFLEXÕES

promete uma ligação com sistemas mais obviamente simbólicos de pureza.

Podemos reconhecer nas nossas próprias noções de sujeira que estamos usando uma espécie de *omnibus compendium* que inclui todos os elementos rejeitados de sistemas ordenados. É uma idéia relativa. Sapatos não são em si sujos, mas é sujeira colocá-los na mesa da sala de jantar; comida não é sujeira em si, mas é sujeira deixar utensílios da cozinha no quarto, ou deixar comida salpicada na roupa; do mesmo modo, equipamento do banheiro na sala de visitas; roupa pendurada nas cadeiras; coisas que são para ser deixadas dentro de casa; coisas do primeiro andar no térreo; roupa de baixo aparecendo, e assim por diante. Resumindo, nosso comportamento de poluição é a reação que condena qualquer objeto ou idéia capaz de confundir ou contradizer classificações. (DOUGLAS, 1976: 50).

O sujo é o extra-estrutural, aquilo que escapa à classificação, algo de certa forma associado com o “errado”, do ponto de vista simbólico. “Poluir” e “sujar” são categorias que apenas fazem sentido se vistas a partir de um sistema classificatório mais amplo. Dessa maneira, defendo aqui que o ensinar e o aprender em contextos culturalmente diferenciados devam seguir essa mesma lógica no que diz respeito ao seu entendimento, por parte dos pesquisadores. Mesmo aqueles interessados em estudar a escola nas aldeias, ou o processo de escolarização em áreas indígenas, devem passar a levar em conta a percepção indígena do que Douglas chama acima de “sistema”. Boa parte das iniciativas que falham, em se tratando de educação em aldeias, quilombos e comunidades ribeirinhas,

devem isso ao fato de serem, de certa forma, “sapatos sobre a mesa de jantar”... Entretanto, fica aqui um alerta aos pesquisadores mais apocalípticos, que se debruçam sobre os “impactos” da escola nesses contextos: se há algo que a Antropologia nos ensinou nos últimos anos é justamente o fato de que a Cultura é um processo extremamente dinâmico. Ainda que as escolas nas aldeias não “funcionem” como boa parte dos gestores gostaria, isso não invalida o fato de elas possuírem um importante papel a desempenhar quando é nosso objetivo entender a percepção indígena de nossos próprios modelos de apreensão e compreensão do mundo: nesse caso, o que eles pensam sobre nós nos revela muito mais sobre eles do que, necessariamente, sobre nós mesmos.

Um exemplo extremo do que quero dizer com isso: lembro-me de haver lido um relatório de uma professora da Funai da década de 1970, em uma das aldeias Xavante. Tão logo ela começou a aula com algum tema tradicional (tabuada, alfabeto, etc.), foi interrompida pelos indígenas. “Professora!”, diziam eles, “nós não queremos saber disso aí não... queremos saber coisas úteis: como a gente faz para construir um trator? E um avião?”. Trato dessa questão mais a fundo em outras ocasiões, mas basta aqui dizer que para compreendermos o porquê de esses alunos

CONTEXTO E CORPORALIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INDÍGENA: ALGUMAS REFLEXÕES

haverem dito isso, faz-se necessária a compreensão de todo um complexo cosmológico. Resumidamente, entre os Jê (incluindo os Xavante), a inovação nos mitos passa pela apreensão de elementos externos à sua cultura: o fogo pertencia à onça, até ser roubado por um herói cultural; o milho pertencia aos periquitos até ser roubado pelas mulheres, etc. Nesse sentido, naquele contexto específico, podemos dizer que os indígenas seguiam um roteiro estabelecido em seus mitos, e a compreensão do papel que a escola desempenhava, para eles, passa necessariamente pela compreensão desse contexto. A cosmologia deixa de ser um pano de fundo e passa a funcionar como um mapa simbólico para a compreensão daquele espaço que nem sempre é de ensino/aprendizado, mas, muitas vezes, pode ser utilizada como esfera para lutas simbólicas e conflitos interétnicos aos quais nem sempre nos damos conta.

Há, ainda, um segundo aspecto ao qual gostaria de chamar a atenção: da mesma forma que o contexto deve ser levado em conta na compreensão do processo de aprendizagem em aldeias, também se deve levar em conta a forma como operam as noções indígenas de corporalidade e a forma como operam seus sentidos (audição, visão, etc.). Tenhamos em mente que nossa sociedade se baseia

essencialmente na visão, no olhar. Parte disso advém do fato de que nosso conhecimento e percepção do mundo se dão pela escrita. Entretanto, nem todas as sociedades operam dessa forma. Entre os Jê, por exemplo, diversos autores chamam a atenção para a sinonímia, nas línguas daqueles índios, para as palavras ouvir e aprender (ver sobre isso Fernandes, 2010). Sintetizemos parte do argumento desse autor: os Jê são aqueles indígenas que passaram à história do Brasil como *botocutos*, em contraste com os Tupinambá, da costa. Como o nome mesmo aponta, eles faziam uso dos botoques, isto é, imensos discos de madeira utilizados na boca e/ou nas orelhas. Como exemplo, é bem conhecida a imagem do cacique Kayapó Raoni, com seu imenso disco labial. No entanto, entre esses povos, o jovem não usa o disco daquele tamanho: de início ele faz uma pequena perfuração e a vai aumentando ao longo da vida, simbolizando um aumento gradual na capacidade de compreensão do mundo (no caso dos discos auriculares), ou de suas capacidades oratórias (no caso dos discos labiais). A ênfase na palavra entre esses indígenas é tão forte que, como Graham (1995) aponta, a forma ritualizada de os Xavante se posicionarem enquanto conversam é de costas um para o outro, sem se encararem. Afinal, se o que é

CONTEXTO E CORPORALIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INDÍGENA: ALGUMAS REFLEXÕES

importante é o que se diz, por que despender energia prestando atenção no que se vê? Nas reuniões políticas no pátio da aldeia, por exemplo, conhecidas como *warã*, os Xavante deitam-se em suas esteiras sem nunca encarar diretamente o interlocutor.

Penso a esta altura que seja clara a importância que tal aspecto corporal da aprendizagem e da ideologia indígena acerca dos sentidos, sobre seus processos de apreensão do mundo. Em que medida, por exemplo, povos indígenas têm como “legítimos” os conhecimentos daqueles jovens indígenas que, apesar de haverem estudado nas escolas dos não-índios, ainda não tem suas capacidades sensoriais e cognitivas completamente desenvolvidas? É comum aos pesquisadores nas aldeias perceberem certo conflito entre as novas gerações, escolarizadas, com as antigas, detentoras de um conhecimento “tradicional”. Sem querer entrar nas discussões sobre tradicionalidade, busco aqui chamar a atenção para o fato de que muito do insucesso de certas iniciativas de escolarização em aldeias se deve ao fato de que o contexto no qual se desenvolvem, ou o público ao que se dirigem, ou mesmo o canal que é utilizado, podem estar equivocados.

O que sugiro aqui, pois, é uma agenda de pesquisas sobre processos de

educação escolar indígena que, como sugeriu Lopes da Silva ao abrimos este ensaio, faça frente ao desenvolvimento das teorias Antropológicas. É necessário, cada vez mais, ao pesquisador da educação em aldeias indígenas que atente para a importância do contexto na transmissão do conhecimento e do papel da corporalidade em relação a esse contexto e à cultura dentro da qual esse contexto faz sentido. Tratei aqui de povos Jê, ainda que brevemente, mas tais preocupações apontam temas interessantes se colocadas à luz do perspectivismo ameríndio entre os Tupi, por exemplo; ou entre povos ressurgidos, frente a questões referentes a identidade e etnicidade. Além disso, uma discussão sobre corporalidade certamente seria reveladora quando às relações de gênero nas escolas indígenas. Neste momento, dado o farto intercâmbio de saberes entre antropólogos e pedagogos, uma discussão mais estreita e profunda sobre as questões aqui apontadas certamente nos serviriam para aprofundar conceitualmente não somente os estudos sobre a relação indígena com processos de transmissão e manutenção de conhecimento, mas, sobretudo, o próprio conceito de educação em povos indígenas.

ABSTRACT

CONTEXTO E CORPORALIDADE NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO INDÍGENA: ALGUMAS REFLEXÕES

The objective of this work will be to raise two questions on the process of Education among Indigenous peoples, from a narrower dialogue with Ethnology theory (particularly that referring one to the indians of the Ge-speaking Indians). The first one is the importance of the context in which speech is constructed, in relation to the transmitted knowledge. In this way, one dialogues with authors whose work about different forms of speech in Indigenous villages. The second question mentions the construction of the body and its relation to it with the senses, among Indigenous peoples. In this way, one will show how working with the speech in interethnic contexts passes, necessarily, thru the understanding that these indians make of hearing, speaking, seeing, amongst others, in its relation with determined parts of the body and its understanding of what it is learning. The methodology used for such reflection, beyond the revision of literature on such subjects, is based on carried through fieldwork between the Shavante (MT) throughout the last years. More than just an exercise of theoretical systematization, the objective of this work will be to point some light on processes referred to the aspects related to the Indigenous epistemologies, frequently left in second plain by scholars dedicated to study education in the villages.

KEYWORDS: Indigenous Education – South American Indians – Ethnology – Anthropology of Education

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva. 1976.

FERNANDES, Estevão R. *Do tsihuri ao waradzu: O que as ideologias Xavante de concepção, substância e formação da*

peessoa nos dizem sobre o estatuto ontológico do Outro?. *Horizontes Antropológicos*, n.34. 2010.

GRAHAM, Laura R. *Performing Dreams: Discourses of Immortality among the Xavante of Central Brazil*. Austin: University of Texas Press. 1995.

SILVA, Aracy Lopes da. A educação indígena entre diálogos interculturais e multidisciplinares: introdução. In.: SILVA, Aracy Lopes da & FERREIRA, Mariana Kawall (orgs). *Antropologia, História e Educação*. São Paulo, Editora Global: 2000. p. 09-25.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In.: SILVA, Aracy Lopes da & FERREIRA, Mariana Kawall (orgs). *Antropologia, História e Educação*. São Paulo, Editora Global: 2000. p. 44- 70.

¹Doutorando no Centro de Pesquisas e Pós - Graduação sobre as Américas da Universidade de Brasília (Ceppac/UnB).